

CAMPOS, FÁBRICAS E OFICINAS: UM LIVRO DE PIOTR KROPOTKIN NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA (1936-1939)

*Davi Luiz Paulino*¹

Resumo: Esse trabalho objetiva-se a discutir a influência do livro *Campos, Fábricas e Oficinas* de autoria do geógrafo e anarquista russo Piotr Kropotkin no movimento anarquista espanhol, em particular, no programa autogestionário posto em prática durante o processo revolucionário desencadeado em 1936. A Revolução Espanhola foi o momento em que anarquistas ao lado das organizações operárias Confederación Nacional del Trabajo (CNT) e Federación Anarquista Ibérica (FAI) experimentaram a prática do comunismo libertário, coletivizando campos e fábricas sob as prédicas da autogestão em oposição a sublevação fascista dos militares do General Franco. Nesse processo é perceptível que trabalhadores e trabalhadoras não desejavam somente autogerir indústrias e campos, mas também desenvolvê-los, um exemplo desse projeto pode ser constatado com a transformação de uma fábrica de cosméticos em Barcelona numa fábrica de munições que abasteceria as frentes de batalha que enfrentavam os exércitos nacionalistas. Nossa hipótese é que a obra de Kropotkin, citada anteriormente, foi uma das bases que proporcionou teorizar concepções do comunismo anarquista, que já vinham sendo debatidas ao longo da década de 1930 por teóricos libertários, bem como, nos congressos das organizações da classe trabalhadora, essa perspectiva se baseia na importância que os anarquistas espanhóis davam a sua obra, isso porque os debates sobre questões econômicas no jornal *Tierra y Libertad*, publicação da FAI, eram apresentadas no quadro intitulado *Campos, Fabricas y Talleres*, o mesmo nome do trabalho kropotkiano. Por fim, ressaltamos que nossa análise se pautará, metodologicamente, de uma perspectiva amparada na História Intelectual e na História Social do Trabalho, abordando de um lado, o pensamento de Kropotkin e do outro, a prática de sua teoria pela classe trabalhadora espanhola.

Palavras-chave: Piotr Kropotkin; Pensamento Econômico; Revolução Espanhola; Autogestão.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pesquisador do NEPAN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Anarquismo e Cultura Libertária (Grpesq/CNPq/UERJ) e membro da Biblioteca Terra Livre.

As concepções econômicas de Kropotkin

Piotr Kropotkin (1842-1921), além de militante anarquista, era geógrafo, biólogo e também um grande conhecedor da economia política, sendo esta o foco da reflexão deste trabalho. Dentre suas reflexões no campo da ciência econômica, o livro *Campos, Fábricas e Oficinas* assume o papel de ser o trabalho em que ele sintetizou boa parte de suas ideias acerca da economia, tanto do ponto de vista de compreensão do desenvolvimento do capitalismo do século XIX quanto para fins de transformação dessa mesma estrutura através da revolução social.

Suas preocupações no estudo da economia capitalista era compreender a relação do campo com a cidade (agricultura e indústria) e a situação da classe trabalhadora nesse processo. Ele via no desenvolvimento desse sistema econômico a contínua especialização do trabalho, com isso o trabalhador passava por um processo de brutalização e alienação na esfera da produção e como proposta para combater essa dinâmica produtiva ele propunha que, ao invés da divisão do trabalho, deveria ocorrer a integração do mesmo, sendo o produtor, um trabalhador manual e intelectual ao mesmo tempo².

Esta integração que Kropotkin propõe não se restringe apenas em relação ao trabalho manual e intelectual, mas também entre a manufatura e a agricultura. Segundo ele, deveriam ser buscados os meios de reorganizar a indústria e a agricultura de modo que fossem combinadas³.

Neste contexto de olhar para a relação do campo e da cidade Kropotkin mostra uma preocupação de pensar o desenvolvimento agrário e consequente na melhora da condição de vida do campesinato. Ele se debruça sobre as estatísticas das áreas que de fato são cultivadas na Inglaterra e nota que um dos principais problemas que acarretam em um rendimento precário é pela concentração latifundiária, segundo ele a produção deve ser planejada a partir da totalidade territorial e não apenas por lotes e a qualidade do solo seria melhorada através do emprego de técnicas modernas⁴. Em sua concepção a “agricultura não pode se desenvolver sem a ajuda das máquinas e o uso delas não pode se generalizar a margem de um ambiente industrial, a margem de oficinas mecânicas [...]”⁵.

Continuando as reflexões no campo da produção agrícola, ele aborda a relação entre países, que para nós traz pontos importantes para uma perspectiva de estudo da economia política. Em uma análise comparativa, entre Inglaterra e Rússia, ele conclui que o preço do trigo é de 8s e 3s respectivamente, pegando pelos custos da produção ele nota que um camponês inglês recebe um salário semanal de 12s enquanto que o camponês russo recebe 6s, além de que este último precisa empenhar uma quantidade maior de trabalho para produ-

2 KROPOTKIN, Peter. *Fields, factories and workshops*. Londres: Freedom Press, 1985, p. 26.

3 Ibidem, p. 27.

4 Idem, p. 57-67.

5 KROPOTKIN, Piotr. *Obras*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977, p. 165. Todas as traduções são nossas.

zir a mesma quantidade de trigo dado ao atraso técnico da Rússia⁶. Com base nessas análises podemos ver como Kropotkin tecia considerações que nos remete para os estudos que abordam a relação centro-periferia na dinâmica da economia capitalista, portanto, evidenciamos a importância do trabalho kropotkiniano.

Portanto, nesta perspectiva, a ideia de desenvolvimento da técnica beneficiaria o próprio tratamento dos cereais e conseqüentemente o aumento das áreas cultiváveis⁷.

Após notar os problemas e dificuldades da agricultura, Kropotkin vê que o desenvolvimento no plano industrial é decorrente da precarização da agricultura, principalmente pelo êxodo rural, ou seja, a classe trabalhadora industrial está crescendo em decorrência da crise do trabalho no campo. E uma das preocupações dele era encontrar propostas que pudessem trazer um equilíbrio às duas esferas do mundo do trabalho, o campo e a cidade.

Outro ponto importante na reflexão kropotkiniana é em relação às diferentes formas da produção industrial. Ele identifica uma possibilidade de conexão entre as pequenas indústrias com a agricultura. Kropotkin entende por pequena indústria as seguintes formas de organização fabril: a pequena oficina atrelada a casa, artesão com oficina separada da casa, grupo de trabalhadores em uma pequena fábrica mantida por eles ou contratados em associação ou trabalho em espaço alugado⁸.

Mesmo sendo pequenas, estas indústrias produzem produtos relevantes para a economia. Em sua obra é possível identificar um acurado levantamento da quantidade de trabalhadores por oficina e de ramos variados, a “maquinaria agrícola conta com 34 trabalhadores por fábrica, ferramentas variadas contam com 22, agulhas e alfinetes 43⁹”, polimento e esmaltagem de metais também são feitas pelas pequenas indústrias.

Ele salienta também que algumas destas oficinas produzem para as grandes indústrias e para o grande mercado. Isto o leva a afirmar que essa relação entre as diversas sociabilidades da produção industrial são uma necessidade econômica, portanto importante para o desenvolvimento da economia. E a existência dos pequenos segmentos produtivos está condicionada, segundo Kropotkin, a sua adaptação às requisições e progressos da técnica na esfera da produção das mercadorias.

O estudo de Kropotkin sobre o desenvolvimento da produção capitalista não se restringe apenas a compreensão de sua sociabilidade, mas também como ela pode ser utilizada pela classe trabalhadora no processo da revolução social, dado que, para ele, em uma economia socializada o progresso técnico e a maquinaria serão importantes¹⁰.

Como apontamos anteriormente, o livro *Campos, fábricas e oficinas*, é a continuação de outros artigos no qual ele analisa as questões econômicas. Em *A conquista do pão*

6 KROPOTKIN, Peter. *Fields, factories and workshops*. Londres: Freedom Press, 1985, p.72.

7 Ibidem, p. 88.

8 Idem, p. 124.

9 Idem, p. 132.

10 Idem, p. 151.

ele aponta que em uma economia socializada a produção deve ser pensada e planejada a partir das necessidades dos indivíduos, visto que para ele, a produção atual está dirigida para a realização da *mais-valia* que, segundo ele, “[...] só existe porque milhões de homens não têm com o que se alimentar salvo aqueles que vendem sua força de trabalho e sua inteligência por um preço que possibilitará a criação da mais-valia.¹¹”

Kropotkin, buscando compreender o processo de exploração capitalista, estuda a centralização das indústrias que favorece a dominação de um determinado setor sobre o mercado, seja ele interno ou externo. A partir da relação *centralização/descentralização* ele conclui como determinados países se sobressaem com superioridade em relação aos demais, formando, assim, um monopólio em determinado segmento produtivo.

A centralização não fica restrita apenas ao monopólio da economia internacional, mas também impacta a própria sociabilidade interna de alguns países europeus¹², na qual há uma relação interna entre centro e periferia, regiões mais desenvolvidas e outras menos.

Como alternativa a esse processo, Kropotkin defende a ideia da *descentralização das indústrias*¹³ que seria pensar um desenvolvimento em escala macro, ou seja, desenvolver economicamente as regiões de um determinado país como um todo. E quando ele fala *indústrias*, é necessário ter em mente que elas se referem tanto à cidade quanto ao campo, pois Kropotkin defende que a produção agrícola não se desenvolve sem a mecanização¹⁴, por isso a importância da união produtiva do campo com a cidade.

Segundo Rudolf Rocker, essa perspectiva kropotkiniana se ampara no “próprio aperfeiçoamento da técnica e adaptação progressiva do trabalho produtivo aos fundamentos científicos” que, por sua vez, “conduzem a uma descentralização cada vez maior da indústria.¹⁵”

Kropotkin sintetizou essas ideias de modo muito claro no posfácio da edição russa de *Palavras de um revoltado* publicada em 1921, de acordo com ele,

Desse modo, o estudo da vida real dos povos nos conduz inevitavelmente a conclusão de que todos os povos devem se esforçar para produzir em seus territórios um poderoso desenvolvimento para aperfeiçoar a agricultura de um lado – mediante um cultivo intensivo do solo – e, por outro lado, a indústria manufatureira.¹⁶

11 KROPOTKIN, Piotr. *Obras*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977, p. 44.

12 Um exemplo dessa relação pode ser vista na Espanha, na qual a Catalunha é um importante centro econômico enquanto que a região da Andaluzia é subdesenvolvida nas técnicas de exploração do solo.

13 O primeiro capítulo de Campos, fábricas e oficinas é dedicado inteiramente a compreender essa oposição à centralização.

14 KROPOTKIN, Peter. *Fields, factories and workshops*. Londres: Freedom Press, 1985, p. 156.

15 ROCKER, Rudolf. “Piotr Kropotkin e o socialismo livre” In KROPOTKIN, Piotr. *Socialismo*. São Paulo: Intermezzo Editorial; Biblioteca Terra Livre, 2021, p. 17.

16 KROPOTKIN, Piotr. *Obras*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977, p. 308.

E como veremos no tópico seguinte, essas ideias influenciaram o movimento anarquista espanhol, principalmente no desenvolvimento das concepções sobre economia espanhola e na elaboração de programas que abordavam as definições de *comunismo libertário*.

A influência de Kropotkin nas reflexões dos teóricos do comunismo libertário na Espanha da década de 1930

O pensamento de Kropotkin foi amplamente divulgado no movimento operário espanhol por meio de periódicos, dentre eles, *El Socialismo* dirigido por Fermín Salvochea. Este também foi o responsável pela primeira tradução de *Campos, fábricas e oficinas* para o espanhol em 1899. E a partir dessa militância de Salvochea, o pensamento econômico kropotkianiano passou a ser referência para os teóricos do anarquismo espanhol, desde sua formação e, com maior intensidade, na década de 1930.

Neste trabalho não será possível abordar essa influência kropotkiniana desde a formação do movimento anarquista. No entanto, nossa reflexão será centrada nas formulações dos anarquistas que militavam na Confederação Nacional do Trabalho¹⁷ (CNT) durante os anos 1930.

Segundo Juan Gomez Casas, a CNT poderia ser compreendida mediante três perspectivas, como “seu espírito bakuninista em relação ao fervor e a fibra revolucionária, proudhouniana em seu federalismo interno e kropotkiniana por suas finalidades de comunismo libertário”¹⁸. E como veremos, Kropotkin influenciou profundamente as teorizações sobre o comunismo libertário na Espanha.

Dentre os teóricos que foram influenciados por suas reflexões, destacamos Isaac Puente, importante pensador e autor de uma famosa brochura publicada na década de 1930, com várias reedições, chamada *El comunismo libertário e suas posibilidades de realización en España*. Neste trabalho ele advoga, mostrando uma clara influência kropotkiniana, pela necessidade do progresso técnico para o desenvolvimento de uma economia socializada.

Outro ponto que Puente recupera de Kropotkin é a questão da descentralização das indústrias. Assim como o anarquista russo, ele entende que as organizações operárias devem conhecer a capacidade produtiva do seu país, utilizando as condições geográficas para desenvolver as capacidades produtivas de cada localidade, ou seja, a produção seria planejada de modo que abarcasse e efetivasse um desenvolvimento nacional.

17 Central anarcossindicalista fundada em 1910 e uma das maiores organizações da classe trabalhadora espanhola.

18 CASAS, Juan Gomez. *Historia del anarcosindicalismo español: epílogo hasta nuestros días*. Madrid: LaMalatesta Editorial, 2006, p. 183.

De acordo com Vadim Damier a “descentralização e sua quebra em pequenas (menores) unidades industriais, sua reorientação para as necessidades locais” proporcionam a “integração industrial e agrícola” e a “máxima autossuficiência das comunas e regiões.”¹⁹ A ideia da descentralização que encontramos nas teorizações sobre comunismo libertário demonstram claramente a concepção que Kropotkin desenvolveu em *Campos, fábricas e oficinas*.

Além de Isaac Puente, outro pensador que também problematizou a importância do progresso da técnica para construção do comunismo libertário foi Diego Abad de Santillán. Para ele, no início do processo revolucionário será preciso investir nas estruturas da produção agrícola nos campos, como sistemas de irrigação e fertilização do solo, já no ambiente urbano, é preciso intensificar o processo de industrialização e mecanização das indústrias²⁰.

Santillán via nesta relação o progresso técnico como elemento para combater o que ele chamou de *localismo econômico*, dado que a esfera agrícola e industrial teria a necessidade de se inter-relacionar entre si. Vadim Damier afirma que essa crítica de Santillán ao localismo era uma crítica as propostas de Kropotkin, no entanto, em seu trabalho encontramos a crítica localista, mas sem atrelá-la ao anarquista russo. Mesmo que vinculasse essa questão à Kropotkin ela não se sustentaria porque ele também era um grande crítico das comunas que se isolavam, alegava que, individualmente, as comunas não conseguiriam sobreviver por mais de 4 anos e que após esse período encontrariam a escassez para produzir²¹, isso demonstra claramente a defesa do federalismo, portanto o discurso de que Kropotkin advogava pelo localismo e autossuficiência das comunas isoladas não se sustenta quando estudamos seu pensamento.

Acreditamos que esses teóricos do anarquismo espanhol, que estamos analisando, tinham uma grande preocupação em manter o federalismo como base de suas reflexões sobre o comunismo libertário, como podemos ver a partir do trabalho de Casas,

Dentro da comuna, entidade política e administrativa, articula-se toda a estrutura econômica da revolução: o conselho de oficina ou fábrica como entidade primordial. Os conselhos de oficina ou fábrica de uma mesma indústria, integrados nos sindicatos locais de indústrias que agora adquirem o caráter de associação de produtores de um mesmo ramo. Os organismos de relação e coordenação de toda indústria no plano local são os conselhos de estatísticas e produção, que seguirão se federando entre si até formar uma rede de relação constante e estreita entre todos os produtores da Confederação Ibérica, isso no plano industrial. No campo ou zonas rurais [...] está previsto o conselho de cultivo, de que formarão parte elementos técnicos e trabalha-

19 DAMIER, Vadim. *Anarcho-syndicalism in the 20th century*. Edmonton: Black Cat Press, 2009, p. 26.

20 SANTILLÁN, Diego Abad de. *O organismo econômico da revolução: a autogestão na Revolução Espanhola*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 120-162.

21 KROPOTKIN, Piotr. *Obras*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977, p. 40.

dores integrantes das associações ou coletividades de produtores agrícolas, encarregados de orientar a intensificação da produção²².

Com base no que vimos nos trabalhos de Kropotkin, Puente e Santillán; foi perceptível a fundamental importância do federalismo nos órgãos de gestão econômica da sociedade no contexto da revolução social. Os dois últimos autores tem uma concepção muito próxima em relação à gestão econômica da revolução, Santillán organiza a estrutura econômica partindo do conselho de fábrica ao conselho local de economia²³, já Puente defende no plano local o sindicato e no nacional a partir da federação nacional de indústrias²⁴.

Essas ideias foram importantes para formação da classe trabalhadora espanhola no decorrer dos anos 1930, como, por exemplo, nas resoluções do IV Congresso da CNT realizado em maio de 1936, principalmente na concepção cenetista de comunismo libertário. Também podemos ver a influência dessas concepções na atuação de trabalhadores e trabalhadoras durante a Revolução Espanhola iniciada no mês de julho de 1936.

A Revolução Espanhola: uma análise kropotkiniana

No processo da Revolução Espanhola é possível encontrar relações com o pensamento kropotkiniano, dentre eles, as reflexões construídas em *Campos, fábricas e oficinas*, como veremos a seguir.

Kropotkin sempre defendeu a organização dos trabalhadores agrícolas e sua capacidade construtiva e podemos identificar essa organização durante a revolução. Frank Mintz cita dois órgãos de autogestão do campesinato²⁵, o CLUEF (Comitês Locais Unificados de Exportação de Frutas) e o CLUEA (Comitê Levantino Unificado de Exportação de Agrios), ambos eram responsáveis por atuar no combate a evasão de capitais, organizar os transportes dos produtos e com a coordenação de delegados sindicais, além disso, esses organismos não possuíam intermediários no contexto de intercâmbio dos produtos, o que, por sua vez, beneficiava os produtores.

Outra questão desenvolvida por Kropotkin em relação ao campo era a perspectiva de desenvolvimento produtivo, seja pela melhora do solo por meio da intensificação da técnica e uso da capacidade de produção da região. Em Aragão, a Federação de Coletividades foi responsável por reformular o território e por criar fazendas experimentais, na qual, eram desenvolvidas novas formas de cultivos e de fertilização²⁶.

22 CASAS, Juan Gomez. *Op.cit.*, p. 242.

23 SANTILLÁN, Diego Abad. *Op. cit.*, p. 102.

24 CASAS, Juan Gomez. *Historia de la FAI*. Madri: Fundación Anselmo Lorenzo, 2002, p. 184.

25 MINTZ, Frank. *Autogestión y anarcosindicalismo en la España revolucionaria*. Madri: Traficante de sueños, 2006, p. 263.

26 LEVAL, Gaston. *Collectives in the Spanish Revolution*. Oakland: PM Press, 2018, pp. 84-85.

Nos dois casos podemos compreender a influência kropotkiniana sobre as ações construtivas dos organismos de trabalhadores. Como citamos anteriormente neste texto, Kropotkin sempre criticou as comunas que se isolavam das demais e defendia a federação delas para romper com o localismo. E na Espanha é possível destacar esse processo federativo na região do Levante que possuía “900 coletivos” que “juntavam-se em 54 federações cantonais a qual se agrupavam” e ao mesmo tempo “se dividiam em 5 federações provinciais e no nível mais alto estava o Comitê Regional da Federação do Levante, que coordenava o todo”.²⁷

Além da questão da coordenação das coletividades, que se baseiam em pontos importantes das reflexões de *Campos, fábricas e oficinas*, apontamos a importância da união do trabalho manual com o intelectual que foi posta em prática na revolução e também era presente no livro de Kropotkin. Em Moncada, foi criada a universidade agrícola que contava com aproximadamente 300 estudantes, sua principal função era a formação técnica dos agricultores nos campos da zootecnia, preparação do solo, seleção e características das sementes, horticultura e reflorestamento²⁸. Portanto o desenvolvimento intelectual era uma parte importante na construção de um projeto de emancipação humana, o que mostra mais uma vez a contribuição do trabalho kropotkiniano.

A perspectiva de união não se restringia somente em relação ao trabalho manual com o intelectual, mas também com a união do trabalho agrícola com o industrial, como já salientava Kropotkin. Um exemplo desta relação pode ser encontrado na coletividade de Tamarite de Litera, na qual o conjunto dos trabalhadores agrícolas e industriais objetivava a conquistar melhorias nos aspectos econômicos e sociais tanto dos camponeses quanto dos operários²⁹.

Pensando na ideia de união, podemos explorar outro ponto no decorrer da revolução que é a dificuldade que algumas empresas enfrentavam para se manterem financeiramente. Em Hospitalet de Llobregat, uma das alternativas encontradas para ajudar as indústrias em dificuldade era a solidariedade,

Solidariedade financeira foi estabelecida entre as indústrias com a organização de um Conselho Econômico Geral em que cada empresa tinha dois representantes. Indústrias que obtinham lucros informavam à comissão administrativa do Conselho na qual analisaria as contas de diferentes empresas. Os recursos disponíveis seriam usados para auxiliar empresas menos produtivas que proveriam matéria-prima e equipamento necessário para a produção.³⁰

27 Ibidem, 154.

28 Idem, pp. 158-159.

29 Idem, p. 215.

30 Idem, p. 292.

Todos estes exemplos que abordamos na última parte do texto dão uma pequena amostra da influência do trabalho kropotkiniano no movimento anarquista espanhol e na construção da autogestão durante a Revolução Espanhola de 1936, além disso, acreditamos que o livro *Campos, fábricas e oficinas* se mostrou uma obra importante não somente para o anarquismo, mas também sua importância para aqueles que buscam compreender o desenvolvimento econômico e seu significado para a organização da classe trabalhadora.

Referências Bibliográficas

- CASAS, Juan Gomez. *Historia del anarcosindicalismo español: epílogo hasta nuestros días*. Madri: LaMala-testa Editorial, 2006.
- DAMIER, Vadim. *Anarcho-syndicalism in the 20th century*. Edmonton: Black Cat Press, 2009.
- KROPOTKIN, Peter. *Fields, factories and workshops*. Londres: Freedom Press, 1985.
- _____. *Obras*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977.
- _____. *Socialismo*. São Paulo: Intermezzo Editorial; Biblioteca Terra Livre, 2021.
- LEVAL, Gaston. *Collectives in the Spanish Revolution*. Oakland: PM Press, 2018.
- MINTZ, Frank. *Autogestión y anarcosindicalismo en la España revolucionaria*. Madri: Traficante de sueños, 2006.
- PUENTE, Isaac. *El comunismo libertário: sus posibilidades de realización en España*. Valência: Biblioteca de Estudios, 1932.
- ROCKER, Rudolf. “Piotr Kropotkin e o socialismo livre” In KROPOTKIN, Piotr. *Socialismo*. São Paulo: Intermezzo Editorial; Biblioteca Terra Livre, 2021.
- SANTILLÁN, Diego Abad de. *O organismo econômico da revolução: a autogestão na Revolução Espanhola*. São Paulo: Brasiliense, 1980.